

CONEXÕES

PRÓLOGO

RICHARD SENNETT - Hoje temos a tecnologia para obter um retrato mais complexo e muito mais inteligente da crença coletiva.

FERNANDO SAVATER - Por exemplo, a internet está cheia de possibilidades extraordinárias e também de ameaças. Evidentemente, não temos que aceitar as coisas em blocos absolutos. (absolutamente)

JOHN GRAY - A internet é uma tecnologia como outra qualquer. Seus usos inerentes são moralmente ambíguos, uma vez que, como todas as tecnologias ela é operada por seres humanos e seres humanos falham.

VALTER HUGO MÃE - Eu acho que é inevitável que a nova tecnologia resulte num mundo novo de comunicadores.

CONEXÕES

SASKIA SASSEN

Inteligência coletiva, amo essa ideia.

Mas eu vejo um bocado de problemas em atingir seus objetivos, o que ela pode vir a ser. Uma questão, claro, no nosso mundo atual, que veio a partir da internet, com as tecnologias digitais, com as opções de código aberto é se nós conseguiremos de fato atingir a inteligência coletiva.

FERNANDO SAVATER

Cervantes tem em Quixote uma frase que diz: "Entre todos, sabemos tudo." Bom, de alguma maneira, de certa forma é verdade. Quer dizer, o que sabemos, sabemos todos os humanos. Nenhum de nós domina todos os campos, mas confiamos em especialistas. Quer dizer, na humanidade que compartilhamos com eles e que nos informam e nos dão as notícias de todas as coisas que nos interessam.

JOHN GRAY

Em grande parte, a expansão do conhecimento decorre da colaboração. Na ciência, por exemplo, os cientistas trabalham de forma colaborativa. Eles podiam ser indivíduos, e houveram grandes gênios científicos, como Isaac Newton e Charles Darwin, mas o desenvolvimento da ciência, o desenvolvimento do Darwinismo, por exemplo, foi resultado de muitos grupos, times e comunidades científicas diferentes colaborando, e também competindo.

Nesse sentido, no sentido de que o desenvolvimento do conhecimento é o produto do conhecimento não apenas de pensadores individuais, mas também de times, comunidades e organizações, a inteligência pode ser coletiva, mas não acredito na possibilidade de uma mente coletiva.

LETICIA POZZA

Eu sou da área da administração então sempre tive facilidade pra exatas, gosto de exatas, sempre gostei mas acho que comecei a despertar e a entender como as coisas se conectam a partir do momento em que comecei a aplicar elas. O cientista de dados na verdade é o analista antigo mas ele nada mais é do que uma pessoa que entende diversas pequenas áreas e consegue enxergar como elas se compõem no todo e como eu construo isso para atingir meus resultados melhor.

Nós temos a comunicação verbal e nós temos a comunicação escrita. Hoje nós temos cada vez mais meios pra poder se comunicar de maneira não verbal. Pra isso, eu tenho várias plataformas e eu não tenho somente várias plataformas em que eu possa me comunicar mas eu também tenho plataformas em que eu posso buscar mais informação ou analisar ela. Pra isso, existem as mídias sociais e existe a internet como um todo e cada vez que essas pessoas falam um pouco de si ou falam umas com as outras, elas deixam um rastro e esse rastro, nós monitoramos.

Eu tenho como, através da internet, através da nuvem fazer que tudo vá pra mesma base e eu analise a mesma fonte de dados.

RICARDO CAPRA

Ali a gente tá vendo: violência doméstica é um dos assuntos que tá gerando as buscas sobre violência, as principais buscas sobre violência.

LETICIA POZZA

Acho que tem tido muito reforço de que a violência doméstica não é só sobre a mulher especificamente, talvez por isso que o tema seja separado por que realmente está se tratando sobre isso como um tema geral e não só específico da mulher.

RICARDO CAPRA

O mais interessante de cruzar tudo isso é por que no momento que tu consegue entender onde acontece a violência contra a mulher, no caso, quais as palavras que são mais faladas relacionadas a isso e de que jeito as pessoas se relacionam com o tema, a gente começa a prever ou até antecipar alguns fatos que poderiam acontecer sobre o assunto.

Big Data Social são todas as conversas sociais que a gente tem dentro de ambientes digitais: internet, Google, smartphones... qualquer tipo de conversa que a gente vai tendo e vai guardando em algum lugar para uso posterior. Então assim, qualquer tipo de conversa social sobre qualquer coisa a gente armazena pra usar e isso a gente chama de BIG DATA SOCIAL.

LETICIA POZZA

Eu me comunico com alguém e deixo meu rastro ou deixo minha pegada, digamos assim e ao fazer isso, eu demonstro meu interesse ou demonstro a minha opinião ou a maneira como eu me porto e a partir disso, a gente começa a enxergar determinados padrões ou a enxergar que, na verdade, aquela pessoa, muitas vezes, não é única. Ela é muito parecida com várias outras em tantos outros lugares do mundo. E isso vai além de dados demográficos, que é o que a gente

está acostumado a ter como informação. Isso é como se fossem padrões de comportamentos independente de idade, independente de região, independente de qualquer outra informação que possa existir.

Conversa entre os analistas Big Data...

LETICIA POZZA

Uma das coisas que a gente mais gosta é poder dizer que a percepção que tu tinha era uma percepção tua e é não uma realidade porque às vezes uma informação muito simples de uma pergunta muito boba talvez que era uma crença tua de muitos anos, ela se quebra com os dados. Os dados mostram outra coisa.

SAKIA SASSEN

Se realmente queremos usar os termos “coletiva” ou “inteligência”, então devo dizer que precisamos nos conectar a mundos bastante específicos.

Portanto, quando falo em baixos salários e que não desenvolvemos aplicativos para trabalhadores de baixa renda, ora este é um pedaço de inteligência coletiva ao qual não nos dedicamos.

Dedicamos às finanças, nossa, um bocado de inteligência coletiva, a nível global.

Mas nós não...

Logo, o termo “coletiva” precisa ser situado, isso não é uma generalidade, não há tal coisa como um coletivo genérico.

E essa expressão inteligência coletiva soa tão maravilhosa,

De fato, é uma linda imagem, mas infelizmente um pouco genérica e fictícia.

VALTER HUGO MÃE

Você sabe que uma das coisas mais interessantes é perceber que nós funcionamos de uma forma diferente quer trabalhemos absolutamente isolados numa sala sem ninguém, quer trabalhemos numa sala com alguém, ainda que trabalhemos sem conversa e por isso, há qualquer coisa na proximidade do outro que influi. Talvez seja o fato de estarmos próximos, talvez seja uma tendência pra correspondermos, estamos num coletivo, está toda essa gente aqui e por isso, eu vou procurar encontrar uma mediania. Acho inclusive que a forma de sobrevivermos, a sobrevivência ela é justificada por isso mesmo: porque vivemos preocupados, porque vivemos procurando soluções, vivemos no encaixe das soluções.

RICHARD DAWKINS

Os valores que possuímos hoje, como não acreditamos mais em escravidão, acreditamos em igualdade de gênero e somos muito menos do cruéis que nossos antepassados, isso parece ser uma tendência de mão única em direção aos valores se tornarem melhores, mais humanos.

E creio que poderíamos falar em inteligência coletiva, um conjunto de valores coletivos.

Não está claro ainda o que está levando a isso, mas creio que algo esteja, pois de fato parecemos estar nos movendo em uma única direção, que chamamos de progressista.

FERNANDO SAVATER

Uma coisa é a inteligência como soma de conhecimento e informações e outra coisa é a inteligência como atitude moral para a ação. Não pode haver uma atitude moral coletiva, isso se baseia em cada um de nós, tomamos a decisão adequadas ao que acreditamos ser adequadas. Porém é verdade que o volume de conhecimento, a enciclopédia, a grande biblioteca de Babel de Borges isso, etc. Isso sim pode existir coletivamente.

THAIS FERNANDES

(off) O meu trabalho sempre orbitou entre o cinema e o teatro, duas áreas que são essencialmente coletivas, são de trabalho colaborativo, de equipe. O espetáculo que a gente montou se chama "No que você está pensando" e ele é um terceiro passo nessa mistura de linguagens diárias. A gente queria misturar o cinema, o teatro e a internet, que é nosso grande vetor de comunicação do momento. A idéia do espetáculo nasceu de um fato muito específico que foram os protestos de 2013 mas pra começar a escrever, a gente se baseou num texto do teatro do absurdo do Ionesco que se chama "AS CADEIRAS", que em essência fala sobre isso, sobre comunicação, sobre como a gente se relaciona.

(vv) A gente teve nove meses de processo pra construir. A gente leu o texto do Ionesco, meio que pra se inspirar mas o texto todo foi a gente que escreveu como processo de improvisação, então a gente, por semana a gente elencava temáticas, lia coisas, via vídeos e ia pra sala de ensaio, juntava o material. Eu e a Tainah nos reuníamos pra escrever. Tudo pela internet. Só não escrevia sentadas juntas.

TAINAH DADDA

Foi uma reunião de fatores, foi um momento em que a gente resolveu sentar pra escrever o projeto que "tava" acontecendo dos protestos de junho de 2013... é o texto que eu trouxe, a nossa relação e muito assim... uma discussão pra fora do trabalho, de pensar como a gente via nossos amigos e outras pessoas se relacionando através de rede social. E isso nos impactava e ainda impacta bastante. Então era uma coisa que nos interessava pensar e discutir e aí, transformar em espetáculo.

JOHN GRAY

Não há razões para pensar que uma mente coletiva poderia ser mais inteligente que mentes individuais. Apesar de eu ter começado respondendo que grande parte do desenvolvimento do conhecimento ocorre através de colaboração, isso não significa uma espécie de mente mundial, penso que uma mente mundial seria uma ideia assustadora.

Pois uma mente mundial conteria todo tipo de loucura, intolerância, pânico, todo o ódio que os seres humanos contêm.

Se isso ocorresse, através da internet ou outro avanço científico, se fosse possível, e alguns cientistas hoje acreditam que pessoas serão capazes de mesclar suas mentes através de uma espécie de telepatia tecnológica...

...Isso seria um avanço? Ou tornaria o mundo ainda pior?

Um dos problemas dos seres humanos, como eles estão constituídos, é que as emoções negativas são muito mais contagiosas que as positivas.

O pânico é muito contagioso, o ódio é muito contagioso, a compaixão é menos.
O pânico pode varrer toda uma comunidade.
O ódio ou a perseguição podem rapidamente varrer uma comunidade inteira.
E o pânico pode varrer os mercados mundiais.

RICARDO CAPRA

Os algoritmos de internet te entregam o que eles acham que é mais relevante pra ti e não a verdade como um todo. Então isso é um conceito bem discutido. Da bolha, que a gente vive dentro de bolhas, de acordo com nossas preferências de assuntos, hábitos e coisas do tipo. E cada vez que a gente... quando a gente acaba ligando um sensor como o Big Data, de fora pra dentro, a gente acaba coletando exatamente essa informação do coletivo. Porque a gente, como indivíduo, sempre tem uma percepção de que a internet é mais negativa do que positiva e isso não é uma verdade. A gente coleta muito isto e a gente sabe que o negativo, ele está presente, sempre, com um percentual que, depende claro do tema, mas ele é sempre menor do que o positivo.

LETICIA POZZA

Porque nós temos uma tendência a marcar mais as questões negativas, nós por estarmos num modo de sobrevivência eternamente, por uma questão antropológica enfim, a gente acaba sempre marcando muito mais as questões negativas por mais que a gente veja uma questão positiva todos os dias, na mesma hora, a gente sempre vai marcar muito mais a negativa do que a positiva.

MAURICIO GUGGIANA

A negativa impacta mais, o choque é maior. Então a gente tem todo esse problema de conseguir analisar essa informação e dizer o que é positivo e o que é negativo. Hoje é muito relativo...

LETICIA POZZA

Depende de contexto...

RICARDO CAPRA

E essa sentimentalização a partir de um humano, de um ser humano significa que tu está determinando uma regra pra máquina e quando tu determina uma regra, tu deu viés pra ela... de sentimentalização pra ela que talvez não seja o sentimento real do que está acontecendo.

FERNANDO SAVATER

Internet é uma possibilidade extraordinária. Hoje já não renunciaríamos de maneira alguma a ela.. Mas, por outra parte, pois, para muita gente, é um substituto da educação que não tiveram. E isso é perigoso. Porque é lugar de doutrinação, é um lugar de delitos também, desde roubo de trabalho alheio até ameaças e hostilidade para uma pessoa. Enfim, tem coisas muito boas e muito ruins. Acredito que, eu sou um pessimista. Que pensa que tudo de ruim ocorrerá se não impedirmos que ocorra. Sendo assim, o que acontece é que me parece que o mau não é irremediável. Se pode fazer as coisas melhor.

EVERTON RODRIGUES

Eu sou músico, sou compositor de trilhas. Já faz mais de dez anos que eu trabalho pra cinema e tv. Quando me convidaram pra fazer este documentário, eu decidi que ia reunir um grupo de colaboradores e que isso ia ser feito pela internet.

No momento que a gente colabora, o principio... é como um jogo: tu prevê que teu parceiro vai jogar da maneira que tu imagina mas não é capaz de antever os movimentos do teu parceiro. Musicalmente, isso é muito interessante e aí descobri a existência desses sites que são sites de troca de gravações. Esse que me interessou mais que é de composições originais, ou seja, o objetivo é que as pessoas compusessem no coletivo.

RICHARD DAWKINS

A internet é um meio magnifico por onde ideias culturais podem se reproduzir autonomamente. E a internet de fato proporciona um incrível ecossistema para memes.

O último capítulo da primeira edição de O Gene Egoísta era sobre memes, que vem a ser unidades de herança cultural.

E meu objetivo era mostrar que, apesar da seleção das espécies como a conhecemos ser baseadas em genes, DNA, a sobrevivência diferencial de informação do DNA, em princípio, a seleção Darwinista poderia funcionar com qualquer tipo de informação de reprodução autônoma. Os vírus de computador seriam um bom exemplo, e eu poderia ter usado eles, se soubesse a seu respeito na época. Por isso, usei unidades de herança cultural, coisas como palavras, moda e vestuário, músicas e assim por diante.

Estou ciente que a expressão meme de internet foi aplicada para algo bastante especial, que tem apenas uma relação distante com o memeoriginal, e é seu subconjunto.

Ao que sei, meme de internet serve para descrever apenas uma imagem com um pouco de texto nela. Não creio que essa seja uma redefinição muito útil e prefiro a definição original de meme, que é uma unidade de herança cultural. E é uma pena que a expressão meme de internet deva remeter a uma imagem com uma legenda, pois a internet, como já falei, é um maravilhoso e fértil ecossistema para memes.

THAIS FERNANDES

Eu acho... aí falando da internet de uma forma mais ampla, ela é o tecido conjuntivo, meio que um sistema nervoso das nossas relações de hoje em dia, assim... não consigo imaginar a gente sem internet, o que aconteceria se caísse toda rede agora... tá, a gente não vai morrer nem nada assim mas a base de toda a nossa comunicação é a rede... não tem como não viver sem isso mas ao mesmo tempo, eu acho que é uma ferramenta. A gente usa ela bem ou a gente usa ela mal, o problema somos nós que não sabemos dosar as coisas...

TAINAH DADDA

Eu consigo passar um bom periodo... um bom periodo não mas algumas horas do dia sem estar conectada. Impossível não é mas seria muito difícil trabalhar da forma com que a gente trabalha, a gente não só eu e ela mas a sociedade num todo trabalha, funciona hoje em dia sem a rede social mas sou bastante pessimista em observar como está sendo usado. Acho que intensificou uma agressividade, uma brutalização das pessoas, potencializou de uma forma que é muito

ofensivo, que é difícil e isso ultrapassou a rua, isso tá na rua também...

SASKIA SASSEN

É uma ficção. Essa noção de que uma capacidade técnica possa gerar uma capacidade social complexa. É um tipo de determinismo tecnológico que não... O desafio é, portanto, como nós, o elemento não técnico da coisa toda, nós as pessoas, nós as comunidades, nós as redes organizadas de pessoas que defendem essa ou aquela causa, como devemos usar essa capacidade técnica?

RICHARD SENNETT

Acho que não estamos usando realmente usando a tecnologia que possuímos para criar um futuro mais democrático. A tecnologia de hoje é controlada por um punhado de empresas monopolistas, e tais monopólios padronizam a tecnologia para atender interesses comerciais, em vez de sociais ou políticos. Minha preocupação é que estamos fazendo tão pouco quando deveríamos estar fazendo muito em termos de criar uma tecnologia mais interativa.

FERNANDO SAVATER

Digamos que hoje é mais necessário que nunca a educação para mexer e para utilizar a internet. Quer dizer, antes a educação era transmissão de informações em boa parte. Hoje as informações nos chegam por todos os lados, mas nos chegam de forma tão caótica, tão misturada. O necessário e o inútil, o verdadeiro e o falso, o atroz e o santo... tudo chega de golpe. Então, aí que precisamos aprender a navegar. Quase 90% das coisas que aparecem na internet são propaganda. Propaganda de objetos que se compram e se vendem, propaganda de idéias políticas, propaganda de tudo que se queira. A internet é estupenda para quem tem alguma cultura. Você busca as coisas que te interessam, fica em contato com pessoas com interesses semelhantes, etc. Mas quem não tem alguma cultura, simplesmente vai de um anúncio ao outro, de uma propaganda a outra e nada mais. Então a educação hoje é interessante precisamente para poder utilizar a internet. A internet não pode substituir a educação, mas a educação pode nos ajudar a aproveitar todas as possibilidades oferecida pela internet.

EVERTON RODRIGUES

Se tu não tiver uma escolarização de uma determinada técnica tu não vai conseguir fazer nada que a educação não é a ferramenta. A educação vai nos possibilitar usar a ferramenta e aí sim, é exatamente isso e fica se creditando à tecnologia a possibilidade de fazer música. A possibilidade é individual, eu faço música com a voz, tu não precisa necessariamente de nada pra produzir música, tu precisa de uma idéia. A música é uma idéia. A confusão é: a ferramenta existe pra que a idéia aconteça. Não, a ferramenta existe pra que a idéia se concretize cada vez mais facilmente. E aí lá, eu descobri pessoas muito interessantes porque eu queria situações de células vocais. E aí apareceu a Sela que é uma cantora da Suíça, que tem uma voz muito diferente porque ela tem uma coisa étnica mas ao mesmo tempo é uma voz ocidental então é uma voz diferente... e eu coloquei um efeito de reverber pra que a voz dela soasse como um instrumento, as notas sobrepostas... e isso vem a ser o fio condutor da trilha. Então, encontrei essa cantora e propus a ela que ela fizesse alguns vocais e ela encontrou um letrista que ela

gosta e todos nós resolvemos fazer um tema sobre conexão entre pessoas. Então a música fala de conexão, a letra fala de como as pessoas estão ou não conectadas.

ROBERT SCOTT STRICKLAND (SKYPE)

Perdi a habilidade de tocar bateria. Quebrei meu tornozelo, eles me colocaram um pino, larguei a música por um tempo. Estou curioso para ver o que você está fazendo com essa música e esse documentário. Como isso poderia ter acontecido se não tivéssemos o que temos, e o que compomos, ou até a própria internet?

VALTER HUGO MÃE

Eu acho mesmo que aquilo que opta por ficar sozinho, opta por deixar de ser gente porque não é o sentido da vida, não é o sentido... ninguém, nenhum menino diz que quando for grande quer ser sozinho. As pessoas querem ser sempre alguma coisa e o que vão ser implica sempre o outro, implica sempre o ter alguém do seu lado ou ter um interlocutor... A autoridade é absolutamente de base pro sentido da vida, é o que justifica....

FERNANDO SAVATER

A cidadania não é uma coisa natural. Não nascemos cidadãos como nascemos humanos. A cidadania é uma obra de arte social. Há que criar cidadãos possíveis. E não vejo outra forma de se fazer isso senão através da educação. Eu gostaria de saber quais são princípios essenciais desta educação de cidadãos. A democracia é um debate, é um parlamento. E portanto tudo que ajude na comunicação com os outros favorece a democracia. Neste sentido a internet é um instrumento extraordinário.

VALTER HUGO MÃE

Seguramente, aquilo que nos justifica como dignidade, digamos assim... como gente digna é exatamente a propensão pro coletivo e por isso, se nós perdermos a lógica de proteção coletiva, porque eu acho que nós somos eminentemente plurais, ninguém é apenas individualmente alguém, toda nossa individualidade é uma espécie de reduto do coletivo. Você não nasce capaz do nada. Você nasce... procede... porque alguém, por algum motivo, cuidou de você. E por isso, eu acho que, em última análise, aquilo que você é depende do que outros também são e por isso a sua identidade vai ser sempre uma questão coletiva, nunca vai ser uma questão absolutamente individual. Quando você acha que chegou a um estado absolutamente maduro de ser quem é, isso significa que eventualmente você atingiu um equilíbrio com os outros porque essa é a única maturidade, só se não estiverem em equilíbrio com os outros, você deixou de ser gente.

TAINAH DADDA

Aqui na peça, em relação a essa idéia que existe um coletivo que não é coletivo, é cada vez mais individual. Não acho que seja um sintoma da rede social, eu acho que é um sintoma da sociedade atual, do tempo que a gente vive, essa idéia de coletivo é quase utópico! Muito se fala a esse respeito: "pertencemos a uma única tribo... globalização..." mas não! É cada vez mais individualizado, é cada vez mais compartimentado.

E aí, quanto a esses grupos que não se comunicam... também me parecem que isso já existia

mas a rede tem essa possibilidade de eu criar uma barreira entre eu não concordo com ela, com o que ela veste, com o que ela come....

THAIS FERNANDES

... e agora eu posso dizer pra todo mundo saber que eu não concordo, que antigamente ficava pra ela...

FERNANDO SAVATER

Por isso eu creio que é importante que os jornais continuem a existir. Não os jornais de papel mas, a forma de dar a notícia. Porque cada dia, nós que lemos jornais, ficamos sabendo de coisas que não nos interessam, mas que vão formando, digamos, um pouco do mundo em que vivemos. É importante, precisamente os jornais, porque nos dizem coisas que não buscamos neles. caso contrário nos transformamos em maníacos de uma só coisa. Isso no fundo sempre foi o fanatismo. O que tem uma idéia que substitui todas as outras. Chesterton definia a loucura dizendo: "O louco é aquele que perdeu tudo, absolutamente tudo, menos a razão." É verdade. O louco é aquele que tem uma razão e perdeu todo o resto: o contato com os outros, as razões opostas, etc. Eu acredito que este é um perigo realmente. Quer dizer, para mim: "só vou me dedicar ao que me interessa". Este é um dos perigos, uma das monomanias que podem ser favorecidas na internet.

JOHN GRAY

O conhecimento, sozinho, não é libertador.

O conhecimento sozinho, simplesmente confere poder.

O desenvolvimento do conhecimento não torna os seres humanos mais razoáveis, mais racionais. Ele confere mais conhecimento para fazer várias coisas, para exercer poder sobre nós mesmos e sobre uns aos outros.

A internet é como qualquer outra tecnologia, ela não consegue tornar os seres humanos mais sábios, ou mesmo mais racionais.

Ela simplesmente lhes proporciona mais possibilidades e poder, uma maior gama de coisas para fazer uns com os outros, a si próprios, e para expandir seu poder.

RICARDO CAPRA

Quem é que gerencia ou administra a inteligência coletiva?

Por que a gente como indivíduo, a gente também tem um determinado espaço de... a gente faz gestão sobre isso. No momento que isso é construído por um coletivo, obviamente né, não tem ninguém gerenciando, dizendo o que é certo, o que é errado, qual é a melhor forma de se fazer e sempre que alguém fizer, vai ter um viés. Então a inteligência coletiva ou o coletivo construindo conhecimento, ele se torna uma riqueza tão grande mas com um receio de "não administrável" e o que isso vai ser no futuro, como é que a gente vai ter tantos coletivos se construindo sobre diversos temas mas sem alguém administrando ou gerenciando isso. Então a gente tá entrando, talvez numa zona desconfortável de que esses neurônios, essas células conectadas estão começando a disseminar ou ficar descontroladas de um jeito que, daqui a pouco, a gente vai conseguir só observar, que é o que a gente faz hoje, mas a gente não tem

gestão sobre isso. É como a gente faz com a informação: eu vejo todas as conversas, a gente capta todas as conversas mas a gente não consegue controlar essas conversas.

THAIS FERNANDES

E hoje... isso sim eu acho uma coisa muito boa e, ao mesmo tempo, perigosa... eu posso sentar no meu facebook e dizer uma coisa que tá acontecendo agora mas, ainda assim é a minha visão mas é eu que tô fazendo isso, eu não dependo mais de um repórter me dizer o que tá acontecendo. Neste sentido, eu acho as redes sociais muito maravilhosas mas aí tem 45 mil pessoas falando do atentado na França, da barragem de Mariana, do assalto que aconteceu aqui na esquina, do outro lado... e aí tu começa a olhar e te dá um desespero: "Meu Deus, o mundo tá acabando!" Porque tá acontecendo um milhão de tragédias!

Eu não acho que é isso, as tragédias sempre aconteceram só que antigamente a gente tinha um olhar que selecionava o que tu ia ficar sabendo e que tipo de informação tu ia ficar sabendo. Esse eu acho que é a grande maravilha mesmo da internet! O problema é que ela é sem rédeas. Tu é o teu filtro, tu tem que saber o que que tu lê e como tu processa essa informação e a gente não sabe lidar com isso, é fato!

LETICIA POZZA

Eu sempre acreditei no uso da tecnologia pra modificar a sociedade como um todo. Eu acho que ela veio... eu sou da frente que acredita que a tecnologia veio pro bem e não pro mal, porque tem gente que acredita que ela veio pro mal então sempre tem alguém que pergunta se eu não acho que os dados deveriam ser regulados, por exemplo. Eu sou da frente que acha que se a gente usar isso pro bem, não tem problema e sim, eventualmente vai ter regulamentação em relação a isso. Sim, eventualmente a gente vai trabalhar como qualquer outro base de dados que a gente trabalha de Censo, de IBGE... enfim. Hoje ela é mais liberada, hoje ela é mais aberta e por mim, ela continuaria aberta porque eu acho que a gente se beneficia da colaboração e do ambiente aberto.

SASKIA SASSEN

Use esse conhecimento. Minha visão é que com as novas tecnologias podemos literalmente liberar o código de cada comunidade. Esses pedaços de conhecimento começam a viajar digitalmente e, mais cedo ou mais tarde, eles começam a invadir o conhecimento oficial. Já que, se uma comunidade atrás da outra informa ao centro que "isso não funciona, isso não está certo, etc.", eventualmente isso se resolverá. Logo, apenas a internet não é suficiente, nós temos, como já se falou anteriormente, muito trabalho pela frente.

JOHN GRAY

Na civilização há ganhos, e há melhorias genuínas, avanços reais em certas épocas, mas são facilmente perdidos.

Ao passo que o mito moderno é de que os ganhos de certa forma podem ser acumulados. O mito moderno é algo assim, praticamente todos acreditam nele e, na verdade, isto está tão enraizado que não se consegue pensar de outra forma.

Apesar de que as pessoas pensavam de forma muito diferente até cerca de 250 anos atrás.

Eles pensam que a humanidade, eles diriam, avança seis polegadas, então retrocede quatro, e depois avança mais cinco.

Portanto, ao longo do tempo, estamos gradualmente avançando, polegada por polegada.

Não é assim.

Quando o nazismo chegou à Europa, eles não retrocederam quatro polegadas, retrocederam a cem negativos, ou a mil negativos.

E muitas das comunidades que os nazistas atacaram foram destruídas por completo e para sempre.

Então, o que que é ganho é real, mas normalmente se perde rapidamente.

E isso difere do que ocorre na ciência.

Pois na ciência, quando o conhecimento cresce, o que ocorre normalmente é que ele não se perde de repente, ou até regularmente desta forma.

Ele continha crescendo ao longo do tempo.

Eu incluí isso em um dos meus livros.

Eu disse que o animal humano é único dentre os que conhecemos, no que se refere a ter a capacidade de cumulativamente aumentar seu conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, tem uma incapacidade crônica de aprender com sua própria experiência.

FERNANDO SAVATER

Nosso mundo atual insiste na diferença - a importância da diferença etc. É mentira, ou seja, o importante para os seres humanos é a nossa semelhança, que todos sejamos semelhantes.

Todos os progressos da humanidade foram em direção à igualdade, não em direção à diferença. A igualdade entre homens e mulheres, igualdade na saúde, frente a educação, classes sociais etc. Insistir na diferença é voltar às castas da Índia ou coisas semelhantes. O que verdadeiramente importa nos seres humanos é que apesar de tudo, suas culturas se parecem muito.

VALTER HUGO MÃE

Uma das coisas que eu admiro, aquilo que eu mais admiro nas pessoas é... tem haver com isso: a capacidade de defendermos as idéias mais opostas e de, inclusive, por vezes, errarmos na defesa das nossas idéias porque acreditamos em coisas que são erradas mas, defendermos isso num diálogo de boa fé, ou seja, sabermos dizer e depois sabermos escutar. Quem não diz o que pensa, nós não podemos contar... e por isso é quase como uma espécie de demissão da cidadania. Quem não assume o que pensa, quem não dialoga não é um cidadão. É apenas um consumidor.

EVERTON RODRIGUES

Todo filme tem uma cara única, eu tô sempre à procura da cara única de cada filme. Cada trilha tem que ter alguma coisa que é pessoal, que é única e intransferível. Então neste caso eu pensei, a voz dela vai ter que ser meu caminho... "I think music comes from you..." essa frase pra mim dizia mais do que as outras porque como eu queria falar sobre a conexão entre esses músicos, eu imaginar que a música vem de outra pessoa é mais ou menos, o processo que a gente estabeleceu. No trabalho colaborativo verdadeiro, o instrumentista vai se apropriar daquele material e vai criar a partir daquele material. Então eu posso gostar ou não gostar, eu posso desgostar inclusive... "ah, não quero isso na minha música" mas essa sensação de que a música é

minha desaparece porque ela é uma colaboração. Como tu dizer que o atleta é o único responsável num time, ele não é nunca, ele sempre parte de uma colaboração e ele não é capaz de determinar o que o outro atleta vai fazer mesmo que o todo dependa daquilo.

VALTER HUGO MÃE

Eu vejo a humanidade como uma construção cultural e intelectual e não exatamente, um animal que, subitamente se mostra mais indulgente. A humanidade, ela difere deste animal. Eu poderia estar aqui sentado exatamente com este aspecto e não ser, pra mim, não ser um homem, não ser gente. Este é o grande equívoco que pode retirar a experiência, digamos assim, na maior parte das pessoas que é o "julgarem" que nós sermos assim e vestirmos um casaco bonito nos confere imediatamente a condição de humano. A humanidade é uma construção do coletivo, de proteção do coletivo que difere do bicho que somos. E por isso, se você quiser, imagine que o corpo é uma espécie de tela e nós vamos passar nela um filme. A humanidade é esse filme, não é a tela e por isso você projeta nesta tela, eventualmente um bom filme ou um mau filme.